VENTO NORTE

Maria de Regino

Maria de Regino

VENTO NORTE

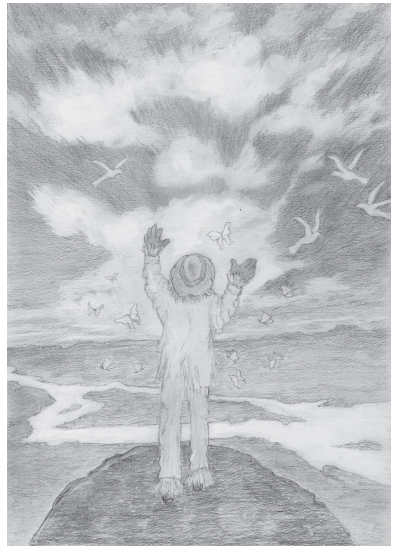

Ilustração:
Maria de Regino e Adriano de Regino

Goiânia-GO

Apoio

FL FACULDADE DE LETRAS
UFG UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

Apresentação

FUNDO DE ARTE E CULTURA DE GOIÁS
SECULT Secretaria de Estado da Cultura
GOIAS GOVERNO DO ESTADO CONTE COM ESSA FORÇA

Este projeto foi contemplado pelo Edital de Fomento à Literatura do Fundo de Arte e Cultura do Estado de Goiás 2017

Copyright © 2023 by Maria de Regino

Comissão Técnica

Editor
Felipe Barros

Projeto gráfico
Tatiana Lima

Coordenação editorial
Pablo de Regino

Preparação dos textos
Maria de Regino

Ilustração
Maria de Regino e Adriano de Regino

Designer da capa
Eliseu Carvalho

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP
Bibliotecário responsável legal: Dartony Diocen T. Santos CRB-1 (1º Região) 3294

REGINO, Maria de.

Vento norte./ Maria de Regino. – Goiânia: Kelps, 2023.

R335

82p.

ISBN: 978-65-5370-241-7

1. Literatura brasileira. 2. Contos. I. Título.

CDU: 821.134.3(81)-3

O conteúdo da obra e sua revisão são de total responsabilidade do autor

DIREITOS RESERVADOS

É proibida a reprodução total ou parcial da obra, de qualquer forma ou por qualquer meio, sem a autorização prévia e por escrito dos autores. A violação dos Direitos Autorais (Lei nº 9610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

SUMÁRIO

1 Tiridá 5

2 Tiziu 8

3 A toca 12

4 Tempo 17

5 Luna 22

6 Zodíaco 25

7 O negro dos olhos de Luna 30

8 Pequetitos 33

9 Vermelho, alaranjado... 41

10 ... Amarelo, verde... 49

11 ...Azul, anil, violeta 54

12 O arco-íris 63

1 TIRIDÁ

O carro entrou na estrada de terra, virou à esquerda, passou pela represa, subiu a ladeira e, logo depois do bosque de eucaliptos, tornou a virar à esquerda. Rua comprida. De um lado, a mata nativa cada vez mais rala, apesar das placas proibindo a derrubada de árvores. Do outro lado, pequenas chácaras e cercas, gramados, hortas, pomares, jardins.

O pai de Rodrigo ia dirigindo devagar, os vidros do carro levantados por causa do poeirão vermelho da estrada. No final da rua, entre cachos de buganvílias, uma inscrição em tábua grossa de cedro informava:

Pararam em frente ao portão branco. Rodrigo desceu e puxou a tramela de ferro. Entraram na chácara. No meio do milharal seco, ainda por colher, Rodrigo viu Tiziu, o espantalho que, em vez de espantar, atraía passarinhos. Uma das invenções do tio Rafael.

Tiziu era um boneco grande e articulado. O corpo tinha sido armado com varas de bambu, depois vestido e recheado com palha de milho e de arroz. O rosto e as mãos do boneco eram modelados em papel machê e tinham cores alegres. Os braços ficavam dobrados diante do peito, como se estivessem carregando alguma coisa grande e invisível. Todos os dias Rafael enchia as mãos enormes do espantalho com quirera de milho e farelo de arroz.

O pai estacionou o carro em frente à varanda e buzinou de leve. Duas mulheres apareceram na janela da frente. Uma delas acenou e saiu para abrir a porta. Era a mãe de Rodrigo. A outra, a avó, ficou imóvel, apoiada no peitoril de madeira, meio sorrindo um sorriso triste, diferente do sorriso aberto, inteiro, com que sempre recebia o neto.

Rodrigo olhou a casa coberta de hera, as grandes janelas transparentes, as árvores e o jardim. Tudo parecia igual. No entanto, o abraço forte e demorado da mãe, o silêncio do lugar, o abatimento da avó eram indícios que se juntavam para confirmar o que durante todos aqueles dias, desde que recebera a notícia até a chegada à chácara, parecera inconfirmável: a morte do tio Rafael.

Começava a anoitecer. A atmosfera pesada e os relâmpagos que acendiam o horizonte anunciavam uma tempestade. A mãe ajudou a levar as malas para dentro, deixou toalhas limpas no banheiro e arrumou a mesa do jantar.

Depois do banho, comeram em silêncio. Rodrigo ainda pensou em perguntar sobre Rafael, mas desistiu diante do jeito ausente e infeliz da avó. Após jantar foi até o quarto que costumava dividir com o tio nas férias e pegou uma manta de lã no armário.

A viagem havia sido longa. Estava exausto. Olhou as camas vazias, a estante com livros e bonecos, os quadros, as esculturas de madeira, o violão... De repente, na janela envidraçada que se abria para o jardim, um pedaço da mata brilhou com a luz de um relâmpago.

Rodrigo contou mentalmente: "Um, dois, três, quatro...". O trovão veio forte, estalado: "Esse foi perto".

As luzes se apagaram e quase em seguida começou a chover. Novos relâmpagos clarearam o jardim. Rodrigo viu um vulto passar correndo pelo caminho que vinha da mata até o caramanchão.

A tempestade ficou mais forte e *os flashes* sucessivos dos relâmpagos revelaram uma cena insólita.

Alguém lá fora, sem se importar com a chuva, dançava uma dança estranha, feita de rodopios e saltos desajeitados. Rodrigo correu para a janela e colou o rosto no vidro molhado. Com susto e surpresa reconheceu o dançarino. Era Tiziu. Ninguém no mundo tinha mãos tão grandes.

2 TIZIU

Rodrigo abriu a vidraça e pulou para o jardim. A chuva havia engrossado e não dava para ver muita coisa. Durante algum tempo ficou parado, tentando enxergar através da grossa cortina de água. Afinal, quando a chuva raleou, os relâmpagos, mais espaçados, mostraram apenas o jardim encharcado e deserto. O espantalho havia desaparecido.

Resolveu voltar para o quarto, mas encontrou a janela trancada por dentro. O jeito era tentar entrar pela porta dos fundos. Rodeou a casa. No escuro era difícil evitar as poças de lama.

"Quem teria fechado a janela?"

Pensou que, provavelmente, a avó, sempre atenta e preocupada com tudo. Ia torcendo para encontrar a porta destrancada e a cozinha vazia. Poderia tomar banho no banheiro da área de serviço, evitando assim perguntas e broncas.

Ao encostar a mão na maçaneta as lâmpadas da casa voltaram a se acender. Empurrou a porta bem devagar e enfiou a cabeça pela abertura. Tremendo azar. Pai, mãe e avó conversavam sentados em volta do fogão a lenha. A mãe, que estava de frente para a porta, gritou:

— Rodrigo! O que você está fazendo aí fora, menino?

A avó se levantou. Com o susto perdeu um pouco daquele jeito apático e distante.

— Fica aí que eu vou pegar uma toalha, Rodrigo.

— Tira o tênis — disse o pai, também se levantando — Você patinou na lama? Vai sujar a casa toda.

A avó chegou com a toalha:

— Tira logo essa roupa, meu filho. E vai tomar um banho quente senão você adoece.

A mãe foi atrás com rodo e pano de chão, enxugando as pegadas molhadas que o menino ia deixando pelo corredor.

— Que doidice foi essa, Rodrigo? O que estava fazendo lá fora com essa tempestade?

Antes de entrar no banheiro, o garoto parou, virou-se para a mãe e perguntou:

— Você acreditava se eu dissesse que vi o espantalho dançando lá no jardim, na chuva?

A mãe ignorou a pergunta e fez um gesto de impaciência:

— Pára de brincadeira, Rodrigo, e vai logo tomar esse banho.

Depois do banho demorado, que encheu o banheiro de vapor quente e embaçou o espelho, Rodrigo ligou a tevê e se deitou no sofá da sala. A avó trouxe a manta de lã, que ele havia deixado largada sobre a cama do tio antes de pular a janela, e uma xícara de chá.

— Tome, meu filho. Beba enquanto está quente.

O garoto fez uma careta. Pelo cheiro, era o infalível chá de alho com limão. Quando pegou a xícara percebeu os olhos da avó molhados de choro.

— Tá chorando, vó?

A avó não respondeu. Ficou olhando, sem ver, uma propaganda de sabão em pó na tevê. Pegou a xícara que Rodrigo estendeu de volta com um resto de chá e disse numa voz cansada:

— Ele também fazia isso.

Rodrigo sentiu um baque no peito. "Ele" era o tio Rafael.

— Isso o quê, vó?

— Saía em dia de temporal e ficava andando por aí, debaixo de vento e de chuva.

A xícara tilintava no pires. Rodrigo reparou que as mãos da avó tremiam. Teve vontade de abraçá-la com força, de pedir um sorriso daqueles de antigamente, de contar do espantalho dançando lá fora, mas não se moveu. Ficou olhando a avó voltar para a cozinha arrastando os passos. Pensou no tanto que devia pesar aquela dor que ela carregava.

Fechou os olhos. Por que não conseguia sofrer com a morte do tio? Gostava de Rafael mais que de qualquer outro parente, tios ou primos. A diferença de idade entre eles não era muito grande. Poderiam passar por irmãos. Por que, então, não se sentia triste, não chorava como a mãe e a avó?

Até o pai, sempre tão durão, tinha enxugado uma lágrima em cada olho ao abraçar a mãe, logo depois da chegada à chácara. É verdade que no início não aceitara aquela morte. Mas agora... Por que não conseguia chorar?

Da tela vinham tiros, roncos de motores, pneus cantando em intermináveis perseguições. "Esses filmes são todos iguais...", pensou, e logo dormiu. Foi uma noite de sono agitado e estranhos pesadelos. Sonhou com Tiziu dançando, acenando com as mãos enormes e chamando:

— Vem, Rodrigo!

A voz era de Rafael. Então o boneco começou a dançar muito devagar, como em câmera lenta. A tinta do rosto escorria com a chuva e o papel machê foi se desmanchando. Rodrigo sentiu um medo enorme. Quis fugir, mas as pernas pesavam, pareciam grudadas no chão. Fechou os olhos e tapou os ouvidos. Não queria ver mais nada. Não queria ouvir mais nada. Sentiu um carinho na cabeça. Estava deitado de bruços no sofá, o pijama encharcado de suor. Cafuné gostoso... A roupa molhada grudava no corpo, incomodava. Foi se virando devagar. A mão do cafuné parou.

— Mãe?...

Abriu os olhos pensando encontrar os olhos e o sorriso da mãe, ou talvez da avó. A sala estava vazia.

3 A TOCA

Na mesinha ao lado do sofá a lâmpada do abajur estava acesa e a porta que dava para o corredor, fechada. Rodrigo se levantou num salto e acionou o interruptor na parede em frente ao sofá. A sala iluminou-se por inteiro.

Uma sensação de dor e frio começou no estômago e foi se espalhando pelo resto do corpo. As pernas formigavam, perdiam a firmeza. Girou a maçaneta da porta do corredor e empurrou devagar.

As dobradiças soltaram um rangido alto e fino. Ouviu o ronco do pai, intercalado com o da avó. Todas as outras portas do corredor estavam fechadas.

Ficou olhando a porta do quarto do tio. Voltaram as imagens do sonho, a lembrança forte, nítida, da mão afagando sua cabeça e a inquietação das perguntas: de quem era a mão do cafuné gostoso de ainda há pouco? Teria sido um sonho?

Lembrou-se do espantalho dançando na chuva e a resposta veio de repente: “O Rafael não morreu”.

O relógio do corredor marcava seis e vinte. Dali a pouco começaria a clarear. A avó parou de roncar e, como para compensar, os roncos do pai ficaram ainda mais altos. O medo foi passando.

Caminhou devagar até o quarto do tio, experimentou a maçaneta e viu que a porta estava trancada a chave. Respirou fundo e chamou baixinho: “Rafael!”

Ouviu um rangido leve, passos arrastados, e a porta do quarto ao lado se abriu. A avó foi saindo com cara de sono e quando deu com o neto estacou assustada.

— Cruzes, Rodrigo! O que você está fazendo aí parado, menino?

— A porta do Rafael está trancada, vó.

A avó foi até o armário do banheiro e pegou uma caixa de comprimidos. Rodrigo insistiu:

— Por que a porta do Rafael está trancada?

As costas da avó se curvaram um pouco mais. Tirou um comprimido da cartela e recolocou a caixa na prateleira dos remédios.

— A chave está na estante, Rodrigo. Atrás do relógio.

— Foi você que trancou a porta, vó?

— Sim.

— Por quê?

Ela não respondeu. Caminhou arrastando os chinelos até a cozinha, tomou o comprimido com meio copo de água, encheu a chaleira para fazer o café e começou a arrumar a lenha no fogão. Rodrigo insistiu mais uma vez:

— Por que você chaveou a porta do quarto do Rafael, vó?

O fogo estalou na palha e nos gravetos.

— Não sei, meu filho...

Enquanto falava ia misturando milho e farelo num balde.

— Nos últimos dias tenho feito tanta coisa assim, sem saber o porquê...

Rodrigo observou os gestos lentos da avó, os olhos tristes, as mãos cansadas.

— Isso é pras galinhas?

— É.

— Deixa que eu levo.

O dia começava a clarear. No caminho para o galinheiro passou pelo pé de limão-cravo, arrancou uma folha, amassou entre os dedos e cheirou. Respirou fundo o ar úmido da manhã cheia de tanto cheiro bom. Cheiro de erva-cidreira, flor de mamoeiro, arruda, rosa, jasmim... e o cheiro do café se espalhando convidativo.

De volta à cozinha se sentou em um banco ao lado do fogão. Era ali, no quentinho da lenha queimando, que gostava de tomar café.

A avó tirou um bolo de fubá do armário, partiu em fatias e colocou sobre o fogão. Rodrigo comeu um pedaço.

— Foi a mãe que fez?

— Foi. Por quê?

— O que você faz fica mais gostoso.

— Bobagem. É a mesma receita.

Comeu mais um pedaço do bolo.

— Vó, cadê a chave da Toca?

— Acho que está aí, em cima do armário.

O garoto arrastou o banco para a frente do armário alto, antigo, e apalpou o canto onde se guardavam as chaves. Estava lá, presa a um chaveiro de madeira em forma de carranquinha. Pegou a chave e saiu.

A água da chuva ainda pingava aqui e ali das calhas do telhado. A casa por fora parecia tão triste quanto tudo lá dentro.

Atravessou a horta quase correndo, cortando caminho para o milharal. Como já esperava, Tiziu não estava lá.

Deu a volta por trás do pomar, parou para ver um pica-pau de topete vermelho bicando o tronco de um pau-terra e entrou por um caminho estreito entre as árvores da mata.

Numa bifurcação do caminho, junto a um tronco caído, coberto de bromélias, uma placa em forma de seta apontava para a direita com os dizeres:

A Toca era o ateliê, a oficina de trabalho de Rafael. Dali saíam esculturas em madeira, máscaras, bonecos, cenários e figurinos de peças teatrais, além de papa-ventos, papagaios, brinquedos de madeira e um sem-número de engenhocas e máquinas malucas inventadas pelo tio.

O ateliê ficava numa clareira entre as árvores altas da matinha. As paredes eram revestidas de hera e o telhado, coberto de trepadeiras. Na entrada, sobre a porta, podia-se ler em letras gravadas a fogo numa tábua de cedro:

Rodrigo encostou o ouvido na porta e girou a chave. Nesse momento, teve a impressão de não estar sozinho. Imaginou Rafael lá dentro, trabalhando, montando um boneco. Ficou um tempo imóvel, indeciso. Afinal, tomou coragem e empurrou a porta. Bem devagar.

4 TEMPO

Assim que entrou no ateliê, Rodrigo foi saudado pelo cuco do relógio e pelo sorriso imóvel dos bonecos nas estantes. A prancheta com o desenho de um novo projeto, a desordem alegre do lugar, a escultura inacabada ao lado de goivas, grosas e formões, tudo sugeria que, a qualquer momento, o trabalho seria retomado pelo artista.

Algumas coisas haviam mudado no ateliê, o que não chegava a ser uma surpresa pois Rafael inventava sem parar. De novidade, cinco máscaras e dois bonecos imensos, incompletos, construídos com espuma. Na parede, ao lado da prancheta, pregados com fita adesiva, enfileiravam-se desenhos com instruções para os atores que dariam vida aos bonecos. Na última folha, o título do espetáculo: "Ato sem palavras", com o nome e a descrição de cada personagem. O tio mal começara o trabalho.

Uma anotação informava que, ao todo, seriam construídos sete bonecos e doze máscaras. No chão, ao lado da prancheta, dois balaios cheios de cabaças arredondadas, grandes e pequenas. Foi quando observava as cabaças que Rodrigo ouviu aquele "clec" seco vindo do relógio de cuco. A corda havia acabado.

Ao puxar a pinha de madeira para baixo, fazendo o relógio funcionar, Rodrigo se lembrou do dia que Rafael resolveu enfeitar o cuco com peninhas coloridas e gravar com pirógrafo, na madeira do relógio, a frase "O tempo não existe".

"Que é isso, tio?"

"Eu acho que o tempo é como a cor, Rodrigo. A cor não existe também."

"Como é que não existe, Rafael, se a gente vê?"

"Cores são sensações provocadas pela ação da luz sobre o olho. Não têm existência material. Entendeu?"

Rodrigo fez que sim com a cabeça. Se dissesse que não entendia, o tio se alongava em explicações que acabavam sempre complicando o assunto ainda mais.

Às vezes Rafael amarrava os ponteiros do relógio com uma fitinha ou um fio de lã, punha um CD antigo para tocar e ficava rabiscando papéis.

"Por que isso, tio?"

"Por que o quê?"

"Os ponteiros do relógio amarrados desse jeito."

"Não tem um porquê."

"Como não tem? Tem que ter uma razão pra você fazer isso."

"E por quê?"

"Por que o quê, Rafael?"

"Por que tem que ter uma razão?"

"Poxa, Rafael, me responde! Me explica por quê."

"Tem coisa, Rodrigo, que não dá para explicar. Você tem que sentir."

Rodrigo adiantou os ponteiros dos minutos até completar sete horas. O passarinho, todo emplumado e colorido, saltou sete vezes cantando "Cu-co!". Ao lado do relógio havia uma nova frase gravada logo abaixo da primeira: "O tempo é a imagem movente da eternidade".

Ficou olhando, tentando entender o significado das frases. Se separadas, pareciam fazer pouco sentido; juntas é que não faziam sentido algum. "Mas, afinal", pensou, "lógica e coerência não eram mesmo o forte de Rafael."

Embaixo do relógio havia um baú azul e, em cima do baú, um cesto cheio de novelos de lã, rendas, fitas e retalhos coloridos. Da alça do cesto pendiam alguns fios de lã cortados no mesmo tamanho. Eram sete fios, cada um de uma cor.

"Olha o arco-íris, Rodrigo! O arco-íris é um presente mágico."

"Presente de quem, Rafael?"

"Da luz do sol e da água da chuva."

Rafael tinha mania de achar tudo mágico. Uma aranha armando a teia, um cogumelo brotando na sombra da mata, uma borboleta saindo do casulo, tudo para o tio era magia. Mas, afinal, o que era magia? Foi procurar no dicionário, que ficava sempre à mão, ao lado da prancheta. Leu devagar, em voz alta:

"Arte ou ciência oculta com que se pretende produzir... efeitos e fenômenos extraordinários contrários às leis naturais. Figurado: magnetismo, fascinação, encanto..."

O verbete era longo. Leu até o final, releu e depois repetiu mais duas vezes a frase:

"... e se procura alcançar o domínio do homem sobre a natureza."

Ficou um tempo olhando o relógio como se o estivesse vendo pela primeira vez. Pegou os fios do arco-íris de lã, amarrou os ponteiros num nó firme e foi empurrando com o dedo, fazendo com que girassem para trás. Duas voltas inteiras, um dia. Quatro voltas, dois dias.

"Quanto tempo faz que...?"

Fez os cálculos mentalmente. Faltavam nove dias. Dezoito voltas.

Foi girando os ponteiros em sentido contrário ao das horas. Quando completou a última volta sentiu um nó no peito. Empurrou depressa os ponteiros mais uma, duas, três, quatro voltas para trás. Fechou os olhos e ficou esperando.

O tio viria caminhando pela trilha da matinha, pisando as folhas secas. Abriria a porta do ateliê e perguntaria, franzindo a testa, surpreso:

"Ué, Rodrigo, o que você está fazendo aí?"

Não. Não seria assim. Ele não se surpreenderia. Diria apenas com um sorriso despreocupado:

"Oi, Rodrigo! Tudo bem?"

Ficou atento. Os sons da mata se distanciaram. Foi crescendo um silêncio estranho, marcado pelos estalos dos ponteiros do relógio, que a cada segundo saltavam tentando se libertar dos nós.

Aí aconteceu.

5 LUNA

Além dos estalos do relógio, outro som foi brotando do silêncio. O som de passos sobre o chão da mata.

Rodrigo teve certeza de que estava vivendo um momento mágico. Com o coração batendo forte no peito, olhos fechados, ficou esperando a porta se abrir. Mas os passos continuaram, contornaram o ateliê e pararam junto à enorme janela de vidro.

Então Rodrigo abriu os olhos e se virou num movimento brusco. Havia alguém lá fora. Alguém que, com a testa e o nariz achatados contra a vidraça, tapava com as mãos os lados do rosto para poder enxergar o interior do ateliê.

Era uma menina. Quando viu Rodrigo, sorriu e bateu de leve no vidro da janela. Como o garoto não se movesse, gritou:

— Ei! Abre aqui!

Mal viu aberto o trinco e afastada a vidraça, ela pulou para dentro.

— Aposto que você é o Rodrigo! Eu moro aqui perto, depois da matinha, na Chácara do Zodíaco. O meu nome é Luna. O Rafael me falou de você.

Rodrigo acompanhava perplexo as palavras e os movimentos da menina, que, enquanto falava, ia abrindo as gavetas da escrivaninha e revirando papéis.

— Você por acaso não sabe onde tem uma foto do Rafael?

Fez que não. Estava espantado com a presença, a falta de cerimônia e o pedido inesperado de Luna.

"Que interesse", pensou, "essa menina pode ter numa fotografia do Rafael?"

— Oi! Acorda! Você é mudo? Tinha uma foto aqui, tenho certeza... Olha! Acho que ela está num desses programas de teatro. Pronto. Achei!

Pegou o programa antigo de um espetáculo de teatro de bonecos e já ia saindo, mas Rodrigo correu e arrancou-lhe o folheto da mão.

— Ei, espera aí! Quem deu licença pra você pegar isto?

Luna olhou Rodrigo de um jeito sério e sacudiu os ombros.

— Ninguém... Mas o Rafael não ia se importar de me emprestar essa foto só um pouquinho.

Rafael sorria bonito na fotografia do programa. Luna agora sorria um sorriso igual.

— Olha, não é para mim. É para o... — a menina interrompeu a frase e desviou os olhos para um quadro na parede — é para uma pessoa que precisa muito ver essa fotografia.

Os olhos de Luna, negros como os de Rafael, voltaram a encarar Rodrigo. Ele então perguntou, mas só por perguntar, pois já havia decidido não deixar a menina levar o programa.

— E quem é que está assim, precisando tanto ver a foto do Rafael?

Luna mordeu de leve o canto do lábio inferior e, meio hesitante, respondeu em voz baixa:

— Tiziu.

6 ZODÍACO

O caminho para a chácara onde Luna morava passava por dentro da mata. Era uma estrada estreita, de terra úmida, ladeada de pedras musgosas e samambaias. As árvores, imensas, encostavam as copas lá no alto, formando um túnel verde.

Enquanto caminhava, Rodrigo observava a menina e ia tentando ordenar, compreender melhor tudo o que ela havia dito até então. A história de seu encontro com Tiziu, alguns dias antes, era fantástica. Se não tivesse, ele mesmo, visto o espantalho dançando no jardim, não acreditaria nela.

— Ei, Rodrigo! Por aqui a gente corta caminho.

Luna tinha saído da estrada e afastava com as mãos os fios de arame farpado de uma cerca, abrindo espaço para o garoto passar.

— Esse pedaço de mata é nosso. Aqui ninguém caça passarinho nem derruba árvore.

— Você mora nesta chácara?

— Moro.

— Luna, me conta outra vez, bem direitinho, como foi que você encontrou o Tiziu.

— Ele estava perto das caixas de abelhas. Eu vi de longe e gritei pra ele sair de lá. As abelhas costumam ser mansas, mas se incomodadas podem atacar. Só quando cheguei mais perto é que reconheci o Tiziu. Levei um susto danado! Ele se mexia igual esses bonequinhos de pilha. Todo durinho, mas devagar, como se a pilha estivesse pra acabar.

— E o que você fez?

— Não fiz nada... A primeira coisa que eu pensei foi que alguém tinha vestido a roupa do Tiziu pra fazer uma brincadeira, pra me passar um susto.

O coração do garoto deu um pulo.

— Rafael?...

— Não, Rodrigo. Isso foi três ou quatro dias depois do Rafael morrer.

Saíram da mata bem em frente a um cata-vento amarelo. Rodrigo parou de repente, surpreso.

— O cata-vento! Então você mora na chácara do cata-vento! Puxa, você não pode imaginar quantas vezes eu e o Rafael passamos na estrada e planejamos voltar outra hora para ver de perto o cata-vento amarelo funcionando. Vocês usam é para tirar água do poço?

— É, e foi assim mesmo que a gente ficou conhecendo o Rafael. Um dia ele entrou e ficou uma manhã inteira

conversando com o meu pai e com a minha avó. Depois disso, passou a vir sempre aqui. Quando ele não vinha, eu fazia depressa as tarefas da escola e ia pra Toca. Ajudava o Rafael a fazer papel machê, cortar lã... A gente conversava tanto... Ele dizia que eu tinha ideias muito criativas.

Rodrigo olhou Luna com o canto do olho e não pôde evitar o ciúme: "Só falta daqui a pouco ela começar a chamar o Rafael de tio também", pensou, aborrecido. Então, de repente, ela perguntou:

— Qual é o seu signo?

— Meu o quê?

— Seu signo, Rodrigo. Você sabe qual é o seu signo?

O garoto riu.

— Não sei... Acho que é Virgem.

— Em que dia você nasceu?

— Oito de setembro.

— Setembro? É Virgem mesmo. Rafael era Câncer e eu sou Peixes. Acho que era por isso que a gente se dava tão bem. Minha avó estava fazendo o mapa astral dele.

— Mapa astral?

— É. A minha avó é astróloga e faz mapa astral. O Rafael encomendou um mapa.

— E pra que serve um mapa astral?

Luna, que poucos dias antes havia feito a mesma pergunta para a avó, respondeu rapidinho:

— Para calcular a posição dos planetas nas casas.

Rodrigo olhou para a menina perplexo. Como a resposta de Luna era parecida com as respostas de Rafael! Resposta tipo charadinha: "Calcular a posição dos planetas nas casas". Agora, em vez de uma dúvida tinha duas: desde quando planeta tinha casa?

Seu pai costumava dizer que astrologia não passava de superstição. Ia dizer isso para Luna, mas não teve tempo. Uma chuva forte, inesperada, começou a cair. Correram para baixo de uma gameleira e de lá para um abrigo ao lado do curral, de onde vinha um cheiro forte de esterco molhado e o mugido ocasional de alguma vaca.

— Cadê o Tiziu?

— Está escondido ali, na casa do mel.

Luna apontou para um barracão baixo, de portas e janelas teladas. Rodrigo riu.

— Nome engraçado... Por que "casa do mel"?

— É lá que nós guardamos o material de apicultura.

Então Luna contou das abelhas, da retirada do mel e da cera. Falou dos vários tipos de mel, colhidos de acordo com as floradas anuais, e da própolis, que servia de remédio para uma porção de doenças. A chuva foi diminuindo, parando, até só restar um ou outro pinguinho à toa caindo das folhas das árvores. Foram saltando sobre as poças de água até o barracão.

Do lado de fora das janelas, a tela ficava cheia de abelhas. Elas vinham atraídas pelo cheiro do mel, que impregnava

tudo ali. Entraram devagar. Uma estante dividia o cômodo em dois ambientes. No da frente ficavam a centrifugadora e os galões de mel. No de trás eram guardados fumigadores, caixas, melgueiras e todo o equipamento usado no trato das colmeias. Luna chamou baixinho:

— Tiziu!...

O zumbido das abelhas pareceu aumentar. Entre as caixas vazias, um amontoado de palha era tudo o que sobrara do espantalho. Tiziu já não estava mais lá.

7 O NEGRO DOS OLHOS DE LUNA

Procuraram por Tiziu o resto da manhã. Palmilharam cada pedaço de mata da Chácara do Zodíaco, que era bem maior que a matinha do Tiridá e encontraram outro montinho de palha seca perto do cata-vento, ao lado do reservatório de água. Pouco antes das onze horas resolveram descansar.

A mata ocupava a parte mais alta da chácara. Cobria uma encosta de declive acentuado e terminava na beira de uma pequena represa, onde o pai de Luna criava tilápias. Sentaram-se no galho grosso de uma árvore que se debruçava sobre a água.

— Você podia almoçar aqui, Rodrigo.

— Não vai dar. Saí da chácara sem avisar. A minha mãe e a minha avó são superpreocupadas. A gente se encontra depois do almoço e continua procurando.

— À tarde eu tenho que limpar umas melgueiras pro meu pai. Mas, se você quiser voltar para cá, a gente pode ficar conversando. Quem sabe até sobra um tempo para procurar o Tiziu?

Luna quebrou um pedaço de casca seca e jogou na água. Ficou olhando, meio distraída, os círculos que iam se formando na superfície. Enquanto isso, era observada e reavaliada por Rodrigo.

À primeira vista ele havia achado Luna muito estranha. Depois, no caminho da mata, descobriu que era uma garota interessante. Agora, com a luz do sol brilhando nos cabelos, ela parecia tão bonita...

— Sabe, Rodrigo, tem uma coisa que eu queria contar pra você.

Os olhos de Luna procuraram os de Rodrigo. Só quando se encontraram e ficaram assim, bem presos um no outro, ela continuou:

— Eu gostava muito, mas muito mesmo, do Rafael...

Rodrigo estranhou o jeito com que Luna havia reforçado o "muito mesmo" e desviado depois os olhos para a água.

— Quando ele morreu fiquei um tempo sem querer acreditar no que tinha acontecido. Ia até perto da Toca, mas... cadê coragem de entrar e encontrar tudo lá dentro vazio, sem o riso dele? As provas do segundo bimestre começaram e eu não conseguia estudar. Foi então que apareceu o Tiziu. Contei

pra minha avó, pro meu pai, e sabe o que eles disseram? Que eu estava impressionada demais com a morte do Rafael. É claro que fiquei chateada e insisti na história. Foi quando a minha avó tentou me convencer que a conjunção da Lua com Vênus na primeira casa era responsável por eu ser assim, tão "fantasiosa e imaginativa". Então eu vi que não podia contar mais nada pra eles. O mistério era meu e eu tinha que desvendar sozinha. Comecei a encontrar o Tiziu, a conversar com ele, até que você apareceu, Rodrigo. Agora a gente está junto, não é?

Ele não respondeu logo. O negro dos olhos de Luna tinha crescido e virado um céu de noite sem lua, cheio de brilho de estrelas. Ela abaixou os olhos, quebrou outro pedacinho de casca seca e jogou na água calma da represa.

— É, Luna. A gente está junto.

8 PEQUETITOS

No caminho de volta para casa, Rodrigo mal podia esperar a hora de retornar à Chácara do Zodíaco. O almoço atrasou e a avó quis saber se ele havia fechado a janela da Toca. Podia chover outra vez à tarde. No mais, tudo ali continuava parado e triste.

Depois do almoço, Rodrigo correu até a matinha para fechar o ateliê. Os ponteiros do relógio ainda estalavam, presos ao laço de lã. Desamarrou os fios e acertou as horas. Quando ia saindo, o passarinho pulou, todo emplumadinho, e cantou: "Cu-co". Trancou a porta e tomou o mesmo caminho por onde ele e Luna haviam passado de manhã.

Chegando à casa do mel, Rodrigo viu que a quantidade de abelhas na tela das janelas havia aumentado. O zumbido contínuo de todas elas, assim juntas, assustava. Ouviu a voz de Luna chamando por ele:

— Entra! Estou aqui.

Não se moveu. Entrar como? A tela da porta estava coberta de abelhas. Ficou parado, indeciso. Picada de abelha doía à beça. Luna percebeu a hesitação do amigo e falou lá de dentro:

— Vou empurrar a tela, mas você tem que ser rápido, Rodrigo. Se demorar, as abelhas entram também.

Quando Luna abriu a porta telada, Rodrigo foi ligeiro, mas não o suficiente. Duas abelhas entraram zumbindo assanhadíssimas e pousaram em um pote cheio de pedaços de favos de mel.

Luna se sentou em um banquinho ao lado de um amontoado de caixas de madeira. Parecia não se importar com a dupla de abelhas invasoras. Explicou a Rodrigo que aquelas caixas eram as melgueiras. Dentro delas ficavam os quadros com cera, onde seriam construídos os favos de mel. Depois da colheita, raspava-se a cera velha e uma nova placa de cera era colocada nos quadros.

A menina mostrou uma pilha de pequenos retângulos de madeira atravessados por finos fios de metal. Eram os quadros já limpos e prontos para receber a nova placa de cera. Faltava acabar a limpeza das melgueiras. Rodrigo observou o trabalho de Luna. Parecia fácil e gostoso de fazer.

— É só raspar a cera?

— É.

— Vou te ajudar. Onde tem outra espátula?

— Na estante.

O zumbido das abelhas parecia cada vez mais forte e ameaçador.

— Esse enxame aí fora não é perigoso?

— Não. Elas vêm por causa do cheiro do mel.

Rodrigo se sentou no chão, de frente para Luna, e começou a raspar a cera escura de uma melgueira.

— O que aconteceu depois que você encontrou o Tiziu perto das caixas de abelhas?

— Corri e contei pro meu pai, pra minha avó, mas, você já sabe, ninguém acreditou em mim.

— E então?

— Então eu fui procurar o Tiziu. Encontrei ele no milharal do Tiridá. Plantado no mesmo lugar de sempre, como se nada tivesse acontecido. Falei, falei, e ele ali, bem quietinho. Daí eu resolvi usar o método que a minha avó usou com um cajueiro preguiçoso. Ela disse pra ele: "Você tem sido bem adubado, podado e irrigado. Todos os seus irmãos estão produzindo e você nada. Este ano é a sua última oportunidade. Se não carregar de cajus, vira lenha pro meu fogão".

Rodrigo riu da história e perguntou:

— Deu certo?

— Deu. Aquele ano ele carregou de frutos. Foram os cajus mais gostosos do pomar.

— E o que você fez com o Tiziu?

— Peguei uma caixa de fósforos, juntei bastante palha seca e disse que se ele continuasse ali, fingindo que não se mexia, eu ia tocar fogo na palha. Então ele me chamou.

— Como? Falando?

— É... bem, mais ou menos. Tiziu não fala. Quer dizer, fala, mas de um jeito diferente. Ele fala como os pequetitos. Dentro da cabeça da gente.

Rodrigo parou o que estava fazendo e olhou a menina com surpresa:

— O que foi que você disse, Luna?

— Que ele fala como os pequetitos, Rodrigo. A voz não sai da boca do Tiziu. Aliás, nem podia. Ele não tem boca de verdade. O Tiziu fala dentro da cabeça da gente. Às vezes, também acontece assim nos sonhos.

O garoto ouviu Luna, pensando em perguntar quem eram os tais "pequetitos", mas a referência da menina aos sonhos trouxe a lembrança forte da imagem de Tiziu dançando na chuva, a tinta escorrendo, o papel machê desmanchando e a voz de Rafael: "Vem, Rodrigo!". Um sonho...

— Que foi, Rodrigo? Você ficou longe...

— Nada não. Continua.

— Aí eu me virei e olhei o Tiziu. Ele estava com medo, Rodrigo. Com aqueles passinhos duros de boneco mecânico, tinha se afastado do monte de palha. Então eu falei: "Deixa de ser bobo, Tiziu. Foi brincadeirinha". Daí nós conversamos e conversamos, até escurecer. Quando cheguei em casa já era

noite. Minha avó e meu pai brigaram comigo. Eles não gostam que eu saia da chácara sem avisar.

Ficaram por alguns momentos trabalhando em silêncio, ouvindo o zumbido das abelhas e o rac-rac das espátulas na madeira.

Rodrigo terminou de raspar a primeira melgueira. Mostrou o serviço a Luna, que examinou o interior da caixa e aprovou com um sorriso:

— Está contratado.

Voltaram ao trabalho.

— O que vocês conversaram?

— Foi uma conversa engraçada. Eu perguntava uma coisa e ele respondia outra.

"Igual o Rafael", pensou Rodrigo.

— Perguntei como ele tinha aprendido a andar — continuou Luna — e ele me respondeu falando de vento e passarinho. Quando eu quis saber a quanto tempo ele tinha virado um... um espantalho que andava e pensava, ele falou da chuva e das abelhas. E foi assim o tempo todo. Saí do Tiridá sem saber quem ou o que era o Tiziu.

Começou a chover. Chuva forte. Caía fazendo um barulhão enorme no telhado. Um raio estalou perto dali e Luna correu para fechar as janelas.

Continuaram o trabalho e, depois de algum tempo, foi Rodrigo quem quebrou o silêncio:

— Ontem à noite eu vi o Tiziu dançando, Luna. Chovia forte como agora. Depois eu sonhei que ele me chamava e... a voz era do Rafael.

Luna parou de raspar a melgueira e ficou atenta, acompanhando o que Rodrigo dizia.

— Acordei com um cafuné gostoso na cabeça. Pensei que fosse a minha mãe ou a minha avó, mas eu estava sozinho. Além de mim, não havia ninguém naquela sala. Essas coisas têm me deixado confuso...

— E eu então, Rodrigo? Desde que encontrei o Tiziu tenho pensado tanto... Minha avó tem uns amigos ufólogos e eles pesquisam os discos voadores.

Rodrigo achou que não tinha entendido direito:

— Como é?

— Ufólogos. Estudam os contatos imediatos de primeiro, segundo e terceiro grau. Ufos, extraterrestres, essas coisas todas.

O garoto sorriu:

— Brincadeirinha, não é, Luna?

— Não, Rodrigo! Eles pesquisam mesmo. Têm aparelhos de detecção, relatórios e tudo mais.

"Que gente doida!", pensou Rodrigo disfarçando o riso.

— Pensando nas histórias que eles contam, imaginei três hipóteses. Primeiro, que o Tiziu fosse um extraterrestre disfarçado...

— ...com a missão de vigiar o milharal do Tiridá — emendou Rodrigo, soltando uma risada gostosa.

— Pára de brincadeira, Rodrigo! Eu logo vi que essa hipótese fazia pouco sentido. Depois, achei que podia ser algum pequetito fazendo arte.

— Ah, os pequetitos! Luna, afinal, que história é essa de pequetitos?

— É uma gente pequenininha... assim.

Com o indicador e o polegar, Luna mostrou o tamanho dos pequetitos — dez ou doze centímetros — e continuou, muito séria:

— Tem gente que chama os pequetitos de elfos, fadas, duendes, mas meu pai diz que o nome certo é elemental. Eu acho que o nome que a gente dá não importa. Eles são os espíritos das árvores, das águas, de todas as coisas da natureza.

Perplexo, Rodrigo deixou cair a espátula. "Pronto, só falta agora ela começar a falar de Papai Noel", pensou.

— Olha, Rodrigo, eu sei que você não deve estar acreditando. Tudo bem. Tem um tanto de gente que não acredita mesmo. Em compensação, muita gente acredita. O meu pai, a minha avó, a minha professora de flauta, o pessoal que vem aqui na chácara, nenhum de nós duvida da existência dos pequetitos. E o Rafael também acreditava...

— Tá bem, Luna. Eram três hipóteses. Falta a terceira.

Luna não respondeu logo. Mordeu o canto do lábio inferior, como fazia sempre que alguma coisa a preocupava muito.

— Talvez... de alguma maneira que a gente não possa explicar...

Rodrigo ergueu depressa o rosto para a menina. Será que Luna pensava em...

— ... Rafael.

9 VERMELHO, ALARANJADO...

Uma onda quente foi crescendo dentro do peito de Rodrigo. Desde sua chegada à chácara — e mesmo antes, em São Paulo, ao receber a notícia — não conseguia aceitar a morte do tio.

— Você acha então que o Rafael...

Luna viu aquele tanto de esperança brilhando no olho do amigo. Lembrou o dia que o pai chegou com a notícia. Ela também não quis acreditar. Correu para a Toca, procurando Rafael. Pensava no quanto iam rir juntos daquela história boba.

Encontrou a chácara vazia. Depois, o velório. Parentes, amigos, o pessoal do teatro, quase todos choravam...

"Pára de brincadeira, Rafael. Levanta daí. Tá parecendo o Conde Drácula."

Rafael quieto, pálido, ausente... Então veio aquela vontade esquisita de rir. A vontade foi crescendo, ficando cada vez mais

forte, até que não deu mais para segurar. Ela saiu correndo e foi rir lá fora. Tudo brincadeira. Brincadeira do Rafael.

E era isso que Rodrigo, ali, ansioso, esperava que ela dissesse. Nada de morte. Uma brincadeira. Rafael estava vivo.

Baixou os olhos.

— Ele morreu, Rodrigo. Rafael morreu.

As últimas melgueiras foram limpas em silêncio. A chuva caindo no telhado, o zumbido das abelhas, tudo parecia repetir as palavras de Luna.

Rodrigo sentiu um aperto na garganta. Vontade de chorar. Levantou-se depressa, foi até a janela e ficou olhando a chuva. Luna se aproximou devagar, tocou de leve o braço do amigo.

— Olha, Rodrigo, eu não quis dizer que o Tiziu era Rafael. Nem podia, né? A gente sabe que...

Não conseguiu continuar. Sentiu aflição de ver o desespero do garoto. Então ficou calada, quieta, olhando a chuva também. Os olhos de Rodrigo foram ficando embaçados, a cabeça confusa, até que não aguentou mais. Queria sair, ir embora dali. Falou depressa, atropelando as palavras:

— Amanhã a gente se vê, tá?

Empurrou a tela. Saiu quase correndo, sem se importar com as abelhas, e tomou o caminho da mata. Na estrada, viu que as nuvens de chuva já iam longe, mas o vento, agitando as copas altas das árvores, fazia cair pingos grossos e esparsos.

Dentro dele, sentimentos estranhos, confusos. De repente, ouviu um ruído forte de folhagem sendo sacudida.

"Os macaquinhos!", pensou, levantando depressa os olhos e procurando nos ramos mais altos.

Alguns anos atrás o bando era pequeno. Três ou quatro miquinhos assustados. Mas nas últimas férias, ele e Rafael tinham contado quinze adultos e dois filhotes, que ficavam o tempo inteiro agarrados às costas das mães. Como estariam agora? Ficou bem quieto, tentando localizar o bando, mas o único movimento nas copas era do vento nas folhas.

Voltou a caminhar. Ia andando devagar, saltando, evitando as poças de água. Foi então que veio aquela impressão de não estar sozinho e a necessidade imperiosa de olhar para trás.

A pouco mais de cinquenta metros, plantado no meio da estrada, lá estava Tiziu. Rodrigo sentiu o coração e a respiração acelerando. Alguns segundos de hesitação antecederam o grito:

— Rafael!

Tiziu recuou dois passos. Rodrigo correu na direção do espantalho, que, num salto largo, entrou na mata.

— Rafael! Rafael!

Naquele trecho o mato era fechado, sem indícios de acessos ou picadas. Correndo e chamando pelo nome do tio, Rodrigo foi afastando os galhos mais baixos, desembaraçando o intrincado de arbustos e cipós, mas só conseguiu penetrar alguns metros. Tiziu tinha desaparecido. Rodrigo voltou para

a estrada e, por todo o caminho até o Tiridá, andou sob a sensação desagradável de estar sendo seguido ou vigiado de longe por alguém.

Quase chegando à Chácara do Tiridá, notou os arranhões nas pernas e nos braços. Estava todo molhado e sujo de lama. Repetindo o roteiro da noite anterior, contornou a casa e entrou, com cuidado, pela porta dos fundos. Teve mais sorte dessa vez. O único movimento na cozinha era o da água que fervia, esquecida, numa chaleira.

Deixou a roupa no tanque e foi tomar um banho quente. A lembrança de Rafael e o mistério de Tiziu não saíam de sua cabeça. Alguém bateu de leve na porta.

— Rodrigo?...

Era a avó.

— Oi, vó!

Fechou o chuveiro e ouviu os passos se afastando arrastados. Foi encontrar a avó na cozinha preparando a mesa para um lanche.

— Cadê o pai?

— Seu pai e sua mãe foram à cidade.

— Fazer o quê?

— Compras de supermercado. Estavam preocupados com você. Sumiu o dia inteiro, Rodrigo.

— Fui à Chácara do Zodíaco.

Um sorriso leve suavizou o rosto da avó.

— Então conheceu Luna.

Ocupado em decidir se passava mel ou manteiga no pão, o garoto respondeu, meio distraído:

— É... conheci.

— Como ela está?

Rodrigo observou a avó. Os olhos tinham recuperado um pouco do brilho antigo. Parecia realmente interessada em Luna. Não perguntava apenas por perguntar.

— Acho que está bem. Por quê?

Num gesto de cansaço, ela passou com força as mãos no rosto, esticando a pele enrugada. Depois, ficou um tempo olhando o neto e respirou fundo antes de responder:

— Tenho pensado nela.

Encheu a xícara de chá, tomou um gole e continuou:

— Luna vinha sempre aqui. Ela e Rafael eram muito amigos. Logo depois que você voltou para São Paulo ficamos conhecendo o pessoal da Chácara do Zodíaco. Uma gente esquisita, não é?

Rodrigo, de boca cheia, levantou os ombros. Depois de engolir o pão, respondeu:

— Só fiquei conhecendo a Luna.

A voz da avó ficou mais baixa. Os olhos, de novo, perderam o brilho e se afundaram naquela tristeza sem fim.

— Não deviam ter deixado a menina ir ao enterro.

O garoto sentiu outra vez aquele baque no peito. Não conseguia olhar o rosto da avó. A pergunta saiu em voz sumida.

— Por que, vó?

— Eu não consigo lembrar direito, Rodrigo, de como tudo aconteceu naquele dia...

Uma lágrima foi descendo pelo rosto da avó, depois outra e mais outra.

— Luna chorava tanto... na hora de... quando...

Rodrigo se levantou e abraçou depressa a avó. Com força. "Na hora de quê, vó? Na hora de quê?", pensou, mas não teve coragem de perguntar em voz alta. Não queria ouvir a resposta. Sentiu o abraço retribuído. Apertou os olhos para espantar o choro e fez um carinho na pele macia e enrugada.

— Quer dar uma volta lá fora?

— Não, Rodrigo. Agora eu tenho que tomar o meu remédio.

Todo final de tarde, pouco antes de anoitecer, as janelas eram fechadas para evitar a entrada de insetos. A casa ficava escura e abafada. Rodrigo saiu depressa para o quintal, sentindo falta de ar.

Não precisou andar muito para chegar ao mirante, um pequeno platô cavado na encosta íngreme do pomar. Velhas mangueiras e fartas touceiras de bambu garantiam a sombra e o frescor do lugar. Chão calçado com placas irregulares de ardósia, um banco comprido de madeira, cadeiras de ferro batido, uma mesinha esculpida num pedaço de raiz, vasos de avencas, begônias, samambaias, orquídeas, violetas, uma vista maravilhosa... Era ali, no mirante, que Rafael gostava de se sentar para ver o pôr-do-sol.

Bem embaixo, no vale, o rio coleava em curvas largas. Do outro lado, quase vertical, erguia-se o paredão rochoso da Pedra do Encantado, onde o sol, todos os dias, desaparecia em meio a um espetáculo luminoso.

Rodrigo ficou olhando as formas das nuvens. Enquanto algumas eram finas como lâminas, outras pareciam chumaços grossos de algodão. O céu foi ficando alaranjado e, aos poucos, um vermelho intenso se esparramou por toda a linha visível do horizonte. A camiseta branca, avermelhada por aquela luz, lembrou Rafael:

"A cor não existe, Rodrigo."

Sentiu a cabeça doendo. Fechou os olhos e perguntou:

— E a morte, Rafael?

A voz de Rodrigo ficou mais alta, mais áspera:

— A morte existe?

Afinal, o choro tanto tempo contido irrompeu como um rio que transborda e destrói suas represas. Pegou uma vara de bambu e investiu com raiva sobre as bananeiras e o mato que crescia entre as árvores do pomar. Gritava:

— Você não podia fazer isso comigo, Rafael! Não podia!

Subiu o cheiro forte das plantas esmagadas. Rodrigo abraçou o tronco de uma velha mangueira e fechou os olhos. Permaneceu assim, por um tempo, soluçando, o rosto colado na casca enrugada, os braços em volta da árvore. Depois, mais aliviado, sentou-se entre as raízes altas. Sentiu chegar então,

pouco a pouco, uma sensação gostosa de colo e aconchego. Era como se a árvore retribuísse o abraço.

O choro parou e o sol desapareceu atrás da pedra. Depois de algum tempo, quando Rodrigo deixou o mirante, as primeiras estrelas da noite brilhavam no céu e a lua, clara, bem redonda, parecia flutuar sobre as árvores da mata. Dentro dele, só silêncio e um vazio enorme.

Entrou na casa sem fazer barulho. Não queria conversar com ninguém. Na cozinha, em volta do calor do fogão de lenha, o destino de Tiridá estava sendo decidido. O pai e a mãe tentavam convencer a avó da insensatez que seria ficar morando ali, sozinha. A melhor solução, diziam, estava na venda da chácara. Rodrigo preparou a cama do quarto que antes dividia com Rafael. Deitou-se sem trocar de roupa.

"Vender Tiridá..."

Não conseguia imaginar que isso pudesse, realmente, acontecer. Fechou os olhos e viu o rosto de Luna brilhando feito lua cheia.

A lua cheia...

Depois a estrada comprida, o rio, a ponte...

O que era noite virou dia. Um dia bonito e claro. Lá na frente, num passo largo e alegre, acompanhado por uma revoada de borboletas amarelas, ia Tiziu.

10 ... AMARELO, VERDE...

As borboletas formavam desenhos no ar. Árvore, flor, barco, peixe... Rodrigo foi se aproximando. De repente, o espantalho virou para trás e ficou parado, esperando o menino chegar mais perto. Então perguntou:

— Por que você me chamou de Rafael? Eu fiquei confuso.

Olhando Tiziu assim, bem de perto, Rodrigo viu que não tinha jeito mesmo de ninguém se esconder dentro daquela roupa de espantalho. A tinta do rosto e das mãos estava desbotada. As roupas rasgadas, cheias de furos, deixavam ver o recheio de palha de milho.

"Também", pensou, "espantalho não foi feito pra ficar por aí, se enfiando no meio do mato!"

Tiziu levantou os braços, desfazendo o desenho de uma folha que as borboletas tinham acabado de formar. Elas se

separaram em dois bandos, mas se juntaram logo em seguida formando um pássaro com grandes asas. Então falou:

— Eu quero voar.

Rodrigo prestou atenção e viu que a voz de Tiziu parecia mesmo a de Rafael. Continuaram juntos a caminhada. Estavam na estrada que contornava a encosta da Pedra do Encantado.

— Por que você fugiu, lá na mata?

As borboletas voavam como se estivessem dentro de um rodamoinho.

— Primeiro foi o vento. A voz do vento.

Rodrigo percebeu que Tiziu havia ignorado a sua pergunta, e que o número de borboletas foi aumentando...

— Depois veio o calor do sol, o verde das árvores, o canto dos passarinhos...

... e aumentando.

— ... o cheiro das flores, a chuva, as abelhas...

Rodrigo ficou atento, tentando descobrir de onde vinha tanta borboleta:

— Luna disse que eu me chamava Tiziu.

Nessa hora, com grande espanto, Rodrigo percebeu que elas saíam de dentro do espantalho. Tentou se aproximar para ver melhor como aquilo acontecia, mas as borboletas atrapalhavam. Voavam tão juntas... Não conseguiu se mover. Parecia preso ao chão. Tiziu foi se afastando, envolvido pela nuvem esvoaçante. Mal dava para se perceber, no meio de tanta

borboleta, um pedaço da perna, das mãos ou do chapéu do espantalho.

Depois que Tiziu e as borboletas sumiram na curva da estrada, Rodrigo ouviu um barulho forte de motor e, quase em seguida, viu um ultraleve. Era todo verde. Verde em muitos tons. O piloto acenou e depois subiu bem alto, num voo quase vertical. Deu uma, duas cambalhotas no ar e desceu em parafuso.

"Mais um doido!...", pensou Rodrigo, enquanto observava as evoluções daquele aviãozinho tão precário.

O ultraleve passou por ele voando baixo. O "doido" que pilotava era o Rafael. Rodrigo começou a pular, a agitar os braços, chamando pelo tio, que passou em outro voo rasante. Rafael ia rindo muito, feliz que só vendo. Acenou mais uma vez e foi embora, seguindo em direção ao sol.

A parede do quarto parecia uma renda de luz. Os raios do sol da manhã entravam filtrados pela folhagem das acácias e se projetavam na parede em frente. O efeito era bem bonito. Rodrigo se lembrou do sonho, sorriu e viu que o dia lá fora estava lindo.

A avó vinha voltando do galinheiro carregando uma pequena cesta de ovos.

— Vó, vou almoçar na casa da Luna. Avisa a mãe, tá?

— Viu a canjica em cima do fogão?

Rodrigo riu. A avó não perdia a mania de fazer doces e comidas para engordar aquele seu neto "tão magrinho"...

— Comi um pratão. Tchau!

Saiu num passo leve e rápido. Antes que sumisse entre as árvores da chácara, a avó gritou:

— Ei, Rodrigo!

O garoto se virou, mas continuou a caminhar de costas.

— O que é, vó?

Os olhos dela ainda pareciam meio tristes, mas dessa vez o sorriso estava lá, inteiro.

— Eu amo você. Ouviu?

Rodrigo sentiu uma emoção boa. Acenou com os dois braços e respondeu, gritando ainda mais alto:

— Eu também amo você, vó! Um tantão!

Tomou o caminho da estrada da mata. As chuvas dos últimos dois dias tinham deixado muita lama e poças de água no chão. Ia distraído, pensando no sonho, quando Luna chamou:

— Ei, Rodrigo! Tá indo pra onde?

Sem perceber, ele havia passado do atalho para a Chácara do Zodíaco. Voltou sobre os passos.

— Oi, Luna.

A garota tinha novidades:

— Acho que sei onde a gente vai encontrar o Tiziu.

— Onde?

— Na pedra.

— Que pedra?

— Na Pedra do Encantado, Rodrigo!

— Ué, por que lá?

— Sonhei com Tiziu e ele ia subindo a pedra.

— Eu também sonhei.

— E o que ele disse pra você?

Rodrigo sacudiu os ombros. Franziu a testa, tentando se lembrar da conversa do sonho.

— Tinha uma porção de borboletas que saíam de dentro dele e faziam desenhos no ar, enquanto ele ia falando. Teve uma hora que elas formaram o desenho de um pássaro e Tiziu disse que queria voar.

— No meu sonho, em vez de borboleta, tinha vento. Um vento que ia, vinha, rodopiava... Nos últimos dias, Tiziu falava muito no Vento Norte.

Os olhos de Luna brilharam.

— Onde o vento é mais forte, Rodrigo?

O garoto não sabia.

— Lá em cima, na pedra.

Luna sorriu, e seus olhos brilharam ainda mais.

— Se a gente sair agora dá tempo de pegar uma carona no caminhão que leva o leite pra cooperativa. Ele deixa a gente no pé do morro.

11 ...AZUL, ANIL, VIOLETA

O motorista do caminhão falava sem parar. Falou do tempo, todo mudado:

— Onde já se viu chover assim em julho?

E falou da chuva que vinha mais forte na lua cheia. Depois contou alguns casos de assombração. Velhas histórias sobre a Pedra do Encantado.

Assim que chegaram ao pé do morro, Luna e Rodrigo agradeceram a carona e começaram a subir. A estrada cortava um enorme bananal, que se estendia por boa parte da encosta. Em seguida vinha a mata nativa, envolvendo toda a base de um dos lados da pedra. Do outro lado, se erguia o paredão vertical, sempre úmido e salpicado de colônias de bromélias, que cresciam agarradas às fendas. Enquadrado pelo verde intenso das folhas das bananeiras, o céu parecia tingido de azul-anil.

Durante algum tempo caminharam sem conversar. Cada um sozinho com seus pensamentos. Foi Rodrigo quem rompeu o silêncio. Tinha uma coisa que precisava dizer a Luna:

— Eu queria pedir desculpas.

— Ué, por quê?

— O jeito que saí ontem...

— Bobagem.

— Eu queria... tinha esperança... achei que o Rafael pudesse estar vivo.

— Eu sei.

— Sabe?

Luna sorriu meio triste.

— Senti isso tudo, Rodrigo, igualzinho. O enterro do Rafael foi a coisa mais triste que aconteceu na minha vida, mais triste ainda do que quando a minha mãe foi embora.

— Ela também morreu?

— Não. Foi embora mesmo. Com um domador de tubarão.

— De tubarão?!

— Ele é dono de um circo aquático que viaja pelo mundo todo. Tem golfinho, foca, tubarão...

— Nunca ouvi falar.

— De circo aquático?

— Não. De domador de tubarão.

— A minha mãe é uma nadadora de primeira. Fazia um número perigoso com o tubarão. Tudo correu muito bem até o dia que ele resolveu morder a perna dela.

— O tubarão?

— Lógico, não é, Rodrigo?

— Podia ter sido o domador.

Luna riu e continuou:

— Foi uma mordida de leve, quase não machucou, mas ela não quis mais entrar no tanque. Resolveu largar o domador, o circo aquático e voltar para o Brasil. Eles estavam em Miami quando aconteceu a mordida.

Luna deu uma paradinha na história para soltar um carrapicho grudado na barra da calça *jeans*. Rodrigo estava curioso para saber o final da história daquela mãe estranha, que deixara uma filha tão legal para ser domadora de tubarão em um circo.

— E daí?

— Ela veio me ver. Trouxe uma porção de fotos dela ao lado de golfinhos, focas e até com o tal tubarão. Depois avisou que estava de viagem marcada para a índia. Parece que conheceu um guru na Califórnia e resolveu meditar no Himalaia.

Rodrigo estava perplexo. Luna não parecia se importar muito com aquela história maluca. Contava tudo como se tivesse acontecido com outra pessoa e não com ela. Não resistiu e perguntou:

— E você?

— Eu o quê?

— Como é que você se sente?

Ela pensou um pouco antes de responder.

— Podia ter sido pior.

Mordeu com força o canto do lábio inferior.

— Ela podia ter morrido, como o Rafael.

A uniformidade do bananal foi substituída pela variedade de espécies da mata. Pararam para admirar a floração de um ipê-rosa e descansar um pouco. Rodrigo reparou que quase todas as árvores tinham marcas de fogo nos troncos. Luna passou a mão devagar, quase num carinho, na casca carbonizada de um jatobá.

— Vai fazer três anos que puseram fogo nesta mata e até hoje as árvores estão marcadas. Meu pai ajudou os bombeiros, mas não deu pra fazer muita coisa. Foi um incêndio horrível.

A pedra estava bem próxima. Mais alguns minutos e chegariam à ladeira íngreme que levava ao platô do cume.

— Quando eu era bem pequena via os pequetitos. Depois que cresci eles pararam de aparecer, mas de vez em quando ainda conversam comigo... Ué, tá rindo por quê, Rodrigo?

O garoto exibia um sorriso paternal.

— É que eu não consigo imaginar como uma garota com a sua cabeça consegue acreditar mesmo, de verdade, nessa história de pequetitos.

Luna juntou no chão um punhado de flores de ipê e, rindo, atirou no companheiro.

— Ah, é mesmo? E por acaso você já esqueceu o que veio fazer aqui?

Rodrigo passou a mão na cabeça, tentando soltar os restos de flores e folhinhas presas no cabelo. Sorriu, pensando que procurar um espantalho que andava, falava e queria voar não era mesmo nada sensato.

Luna tirou as duas últimas folhinhas do cabelo de Rodrigo e continuou:

— Os pequetitos não são invenção minha. Os antigos acreditavam que tudo na natureza tinha o seu espírito guardião. Você sabia que durante muito tempo se pensou que os negros e os índios não tinham alma?

Rodrigo levantou os olhos, surpreso. Não sabia. A voz de Luna ficou grave.

— Fica mais fácil escravizar, matar uma pessoa, ou queimar, arrancar uma floresta, quando a gente pensa que ela não tem alma, não é?

Não respondeu. A verdade é que nunca havia se sentido tão próximo daquele mundo fantástico de Luna e Rafael como nos dois últimos dias. Girar os ponteiros de um relógio numa tentativa mágica de fazer voltar o tempo, escalar um morro como aquele, caminhando horas atrás daquela coisa inexplicável em que se havia transformado o Tiziu... Essas atitudes eram totalmente incompatíveis com o seu jeito de ser e de pensar. Olhou a mata. Segundo Luna, ela estaria cheia de pequetitos. Foi então que viu aquela mancha amarelinha no meio do verde. Um cacho de bananas!

— Ei! Olha só!

Luna deu um grito de alegria.

— Banana-ourinho! Puxa! Tem um tempão que eu não como dessa banana. Olha, Rodrigo! Está toda pintadinha, madurinha!

Era um cacho pequeno numa touceira de bananeiras desgarradas do bananal lá de baixo. Algumas bananas, as mais maduras, tinham sido bicadas por sanhaços. O sol já ia alto. Resolveram descansar e aproveitar aquele lanche providencial.

Os dois se sentaram no chão, à sombra de um cedrinho, e depressa as bananas do cacho foram sumindo, enquanto um montinho de cascas crescia entre os dois. A pergunta veio depois de a décima oitava bananinha ser despencada e comida.

— Por que você queria mostrar uma foto do Rafael para o Tiziu, Luna?

A menina franziu de leve a testa e pensou um pouco, enquanto procurava uma banana bem gorducha entre as que restavam no cacho.

— Tiziu vivia cheio de perguntas. Queria saber quem ele era, por que era daquele jeito e não de outro, de onde tinha vindo... Coisas assim. Então falei de Rafael.

"Rafael..." Rodrigo voltou alguns dias no tempo. As provas do segundo bimestre já haviam começado. Lembrou-se do telefonema de madrugada, da viagem apressada da mãe, da decisão do pai de seguirem os dois, juntos, quando as provas terminassem.

"O que aconteceu com o Rafael, pai?"

"Foi internado. Ele tem aquele problema no coração. Você sabe, não é?"

Dia seguinte era domingo. Tinham combinado ir ao Pacaembu ver o Palmeiras jogar contra o Ponte Preta. O pai amanheceu com uma ruga funda entre as sobrancelhas. Cancelou o programa alegando dor de cabeça. Então o Guga veio chamar para estudarem juntos. Passou a tarde fora de casa. Quando chegou encontrou o pai do mesmo jeito.

"A mãe telefonou?"

A resposta demorou mais do que o necessário.

"Não."

Os dias passaram depressa. Tinha se concentrado nos estudos, pois precisava de nota em Português e História. As provas terminaram. Recebeu a notícia quando arrumava a mala para a viagem. Repetiu incrédulo, em forma de pergunta, aquela coisa absurda:

"O Rafael morreu?!"

Não acreditou. Durante a viagem, o pai se desculpou por não ter contado antes. Alegou preocupação com as provas do filho e um negócio pendente, que não lhe permitiria sair de São Paulo antes do final do mês. Ouviu os comentários do pai sobre a morte de Rafael com uma sensação estranha de distanciamento. Continuou calado. Não acreditava. Não acreditava e pronto!

— Rodrigo?... Tá viajando?

O garoto olhou Luna com um jeito ainda meio distante.

— O quê?

— Viajando no tempo ou no espaço?

Rodrigo sorriu:

— Nos dois.

Começou a trovejar longe, do outro lado do morro. Rodrigo disse, em voz baixa:

— Acho que só ontem à noite eu consegui aceitar mesmo a ideia da morte de Rafael. Antes, o tempo todo, eu procurava não pensar no assunto ou então fantasiava, imaginava que fosse uma brincadeira dele ou qualquer outra coisa misteriosa...

Levantou e bateu as mãos na calça para soltar a terra e os restinhos de mato.

— Tem outra coisa que eu queria saber: ontem à tarde, aquela sua terceira hipótese sobre o Tiziu... Que relação você acha que pode haver entre ele e o Rafael?

Luna ficou com o olhar perdido, bem longe, enquanto ouvia o amigo. Demorou para responder. Demorou tanto que Rodrigo chegou a pensar que ela não tinha prestado atenção no que ele havia perguntado. Afinal, em vez de resposta, o que veio foi outra pergunta.

— Você não sentiu nada... especial, lá na Toca?

— Especial de que jeito?

— A energia de Rafael continua vibrando em cada máscara, cada boneco... Você sentiu isso, não é?

— É... mais ou menos.

O céu começou a mudar de cor. Trovejou longe. Uma rajada mais forte de vento passou arrancando folhas das árvores.

— Sabe, Rodrigo, eu acho que ...

Um barulho no mato, do outro lado da estrada, interrompeu a frase de Luna. Alguém vinha abrindo caminho por dentro da mata. Os estalos das folhas e dos galhos secos foram se aproximando.

Primeiro apareceu o cabelo de corda desfiada, depois, a cara desbotada de papel machê, e Tiziu emergiu, inteiro, do emaranhado da folhagem.

12 O ARCO-ÍRIS

Luna correu para o espantalho.

— Tiziu! O que foi que aconteceu? Por que você foi embora da casa do mel? Nós passamos a manhã inteira procurando você, sabia?

Tiziu parou, ergueu os braços e girou a cabeça de um lado para o outro, bem devagar.

Um pouco afastado, Rodrigo observava a cena, impressionado com o aspecto do espantalho. A roupa estava rasgada em vários lugares. Quase toda a palha da perna esquerda tinha se perdido e, pelos buracos, dava para ver o bambu da armação. Bem do jeito que Tiziu havia aparecido em seu sonho.

— Você ouviu, Rodrigo?

— O quê?

— O que Tiziu falou.

Rodrigo se aproximou com uma sensação estranha. Uma mistura de medo e atração.

— Ele falou?

— Puxa, Rodrigo, você não ouviu nada?

— Não.

— Eu perguntei por que ele tinha ido embora da casa do mel.

— Isso eu ouvi.

— Pois é, então Tiziu respondeu que as abelhas chamaram ele.

— Chamaram como? Pra quê?

— Pra falar com o vento.

Nesse momento Tiziu tornou a mover os braços e a cabeça. Luna se voltou atenta e Rodrigo fez o mesmo. Ficou olhando firme para o espantalho, tentando ouvir alguma coisa, mas foi inútil. Perguntou a Luna em voz baixa:

— O que o Tiziu falou agora?

— Que ele está com pressa. Tem que encontrar um amigo lá no alto da pedra.

Continuaram a subida. Rodrigo perguntava a si mesmo por que não conseguia ouvir a voz de Tiziu. Pensou que talvez o espantalho não quisesse falar com ele:

"Ou então, o meu receptor telepático tá com defeito."

A ladeira era a última etapa a ser vencida antes de chegarem ao platô do cume. Tiziu ia à frente, caminhando

depressa, apesar dos passos desajeitados. À medida que subiam, as trovoadas se intensificavam.

O vento ficou mais forte, levantando muita poeira e atrapalhando a caminhada de Luna e Rodrigo, que seguiam atrás, acompanhando da melhor maneira possível o espantalho. Quando chegaram ao alto da pedra, estavam ofegantes.

Dali de cima, a vista era um belo espetáculo. Entre os morros, que se sucediam numa ondulação suave até o horizonte, vinha de longe o rio serpenteando lento. As águas, vistas daquela altura, iluminadas pelo sol do meio-dia, ganhavam aspecto novo. Pareciam grossas e oleosas, brilhavam como metal líquido, incandescente.

Do outro lado do rio dava para ver o Tiridá, um pedaço da represa e a ponta do cata-vento amarelo. A Chácara do Zodíaco ficava escondida pela mata.

O mais impressionante da paisagem, porém, era o aglomerado de nuvens escuras, densas, que pareciam se aproximar rapidamente, rolando sobre os morros e unindo céu e terra com uma cortina cinzenta de chuva.

A tempestade vinha pelo lado norte e ocupava apenas uma faixa estreita do horizonte. Todo o céu em volta continuava azul, iluminado pelo sol.

Sentaram-se no chão morno. Enquanto Luna e Tiziu, fascinados, observavam as nuvens de chuva que se aproximavam, Rodrigo se deitou sobre uma laje de pedra e

fechou os olhos. Ficou sentindo o vento e o calor do sol na pele de seu corpo. A voz de Rafael veio de longe, de suas lembranças.

"Tem coisa, Rodrigo, que não dá para explicar. Você tem que sentir."

Pensou em Tiziu. Se não dava para explicar o fato de um boneco construído por Rafael ganhar vida logo após a morte de seu criador, então, como seria "sentir" essa estranha realidade?

Soltou o corpo. O vento parecia vir de todos os lados, farto de cheiros e sons. Vinha forte e depois suavizava, virava carinho, afago. Sentiu sono.

Então ouviu, bem nítida, uma voz que parecia sair de dentro dele mesmo.

"... eu perguntei para o vento. Perguntei do Rafael. Ele não respondeu, mas começou a soprar mais forte. Parecia que ventava dentro de mim... Foi quando eu vi o Rafael. Ele passou voando num aviãozinho verde..."

Rodrigo se sentou num salto.

— Tiziu falou alguma coisa?

Luna se virou, a testa levemente franzida, estranhando a ansiedade na voz do amigo.

— Ele disse que viu o Rafael passar voando...

— ... num aviãozinho verde! — completou Rodrigo.

— Você ouviu!

— Ontem, quando sonhei com o Tiziu, também sonhei com o Rafael fazendo acrobacias num ultraleve verdinho.

Tiziu continuou:

"O vento sabe tanta coisa... Entra em todos os lugares, escuta segredos, sonhos... Eu quis ser abelha, pássaro, nuvem, mas depois que conheci o vento... O voo do vento é mais bonito porque ele não voa sozinho..."

Os pingos de chuva ficaram mais numerosos.

"Tudo o que é leve pode voar com o vento."

Então o vento soprou ainda mais forte. O recheio de palha do corpo de Tiziu foi se soltando, saindo pelos buracos rasgados na roupa e esvoaçando em volta do espantalho num rodopio.

"Como borboletas", pensou Rodrigo, fascinado.

Tiziu começou um movimento lento de balanço, jogando o corpo para um lado e para o outro, bem devagar.

"Aquele era Rafael... E eu? Perguntei de mim..."

Trovejou forte. Luna perguntou aos gritos, tentando se fazer ouvir em meio ao barulhão do temporal:

— E o vento, Tiziu? O que foi que ele respondeu?

A chuva agora caía pesada. Rodrigo olhou em volta, procurando algum lugar onde pudessem se proteger, mas o topo da pedra era absolutamente plano e descampado.

Levou um susto quando percebeu que Tiziu estava dançando. O espantalho pulava, rodava, rodava, e a cada giro parecia ficar mais leve.

Luna também começou a dançar e Rodrigo ficou olhando os dois, juntos, naquela dança estranha que parecia acompanhar

o ritmo do temporal. Foi quando percebeu que o papel machê do rosto e das mãos de Tiziu começava a se desmanchar.

Sentiu calafrios. Para que se repetisse a cena daquele seu primeiro sonho só faltava...

"Vem, Rodrigo!..."

Pronto. Não faltava mais nada. Olhou Luna. Olhos fechados, camiseta colada na pele, ela ria com o corpo inteiro. Parecia tão bom... Fechou os olhos e, como a menina, abriu os braços para o vento.

As sensações vinham docemente, sem pressa, como se o tempo não mais existisse. Então ele foi vento, foi chuva, foi nuvem solta no céu...

A chuva afinal abrandou, ficou fina, macia...

— Tiziu!

Rodrigo abriu os olhos, assustado com o grito de Luna. Viu a garota correr até um amontoado de pedras e pegar alguma coisa no chão. Era o chapéu do espantalho. Mais adiante havia um sapato e um pedaço da armação de bambu.

Luna juntou o que havia sobrado do boneco. Era pouca coisa e ela parecia desolada.

— Ele desmanchou, Rodrigo...

Nesse exato momento, uma voz conhecida chamou:

— Luna! Rodrigo!

Era a voz de Tiziu, e já não soava dentro da cabeça de cada um deles. Olharam para o lugar de onde parecia ter partido o chamado. Um imenso arco-íris, de cores fortes e

brilhantes, estava se formando, crescendo no céu. Era de lá que a voz parecia vir.

— O vento me falou da luz...

— Onde você está, Tiziu?

— Aqui, Luna! — a voz brotava das cores do arco-íris.

— Tiziu! O que aconteceu?

— O vento só carrega o que é leve. Quanto mais leve, mais alto se pode voar.

As roupas molhadas pregavam na pele. Os dois estavam arrepiados de frio. Sentaram-se, bem juntos, numa pedra à beira do despenhadeiro. O sol, livre das nuvens de chuva, espalhou seu calor gostoso pela Pedra do Encantado.

Ficaram olhando o arco-íris no céu até que as cores foram desmaiando, enfraquecendo. A voz de Tiziu agora parecia vir de muito, muito longe.

— O vento contou o que eu queria saber... Não existe começo nem fim, só mudança, movimento... Tudo que parece fim, na verdade é um novo começo...

O arco-íris desapareceu. A tempestade era só uma sombra longe, no horizonte. Não havia mais nada a fazer ali.

Antes de iniciarem a descida, Luna pegou o chapéu de Tiziu e, rindo, colocou-o na cabeça de Rodrigo.

— Agora é seu.

Era um chapéu desabado, de feltro verde. Com o chapéu, Rodrigo ficava mais parecido com Rafael. Os dois tinham

traços semelhantes, só que o cabelo de Rafael era escuro, crespo e farto, enquanto o de Rodrigo era fino, liso e bem clarinho.

Começaram a descer. O barro da estrada, depois da chuva, estava liso e escorregadio. Só voltaram a conversar no caminho do bananal.

— Você entendeu o que o Tiziu falou, Rodrigo?

O garoto pensou um pouco antes de responder. Então parou. Alguns passos adiante, Luna também parou e se voltou para trás. Um brilho novo enfeitava os olhos de Rodrigo.

— Não sei se eu entendi, Luna, mas aprendi a dançar na chuva, descobri que um dia, se eu quiser, vou poder voar como o vento...

Luna sorria ouvindo o amigo. Olhou a estrada que sumia entre os caules verdes das bananeiras. Talvez a vida não passasse mesmo de uma longa caminhada por uma estrada sem começo e sem fim. Nesse caso, Rafael ainda caminhava. Talvez mais à frente, ou mais no alto... Quem sabe? Gostaria que um dia pudessem estar juntos outra vez.

Rodrigo tinha se aproximado.

— Luna...

Não foi surpresa o abraço tímido, desajeitado, mas cheio daquele mesmo jeito carinhoso com que, um dia, ela havia sonhado que seria abraçada por Rafael. Retribuiu o carinho.

Depois, a pergunta de Rodrigo, bem baixinha, misturada ao canto de um casal de melros:

— ... você me ensina a conversar com os pequetitos?